

O QUERER SER PROFESSOR: UMA ANÁLISE DO ALUNADO DO CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA DA UFAC¹

WÁLISSON CLISTER LIMA MARTINS²
PROF. MA. GEISA CRISTINA BATISTA³
FÁBIO DE FARIAS SOARES⁴

RESUMO

Este artigo busca compreender as perspectivas e o ‘querer ser’ docente dos alunos de Licenciatura em História da Ufac como elementos decisivos no estar no curso. Fazendo uso de questionários aplicados nos discentes dos turnos matutinos e noturnos, levando em consideração aspectos como a motivação para a entrada em uma licenciatura e a baixa utilização da prática docente na formação inicial. Como base para as discussões, utilizou-se Vincentini e Lugli (2009), Penin (2009) e Marconi e Lakatos (2017). Por fim, o estudo possibilitou perceber que os licenciandos, em sua maioria, costumam entrar não devido à vontade de exercer a docência, mas por identificação com a disciplina (que vem desde a educação básica), que o querer a docência depende dos valores intrínsecos à profissão, e o não querer, em grande maioria, aos valores extrínsecos, e que a produção acadêmica daqueles que querem atuar na docência é maior do que daqueles que não o querem.

Palavras-chave: Profissão docente; Formação Inicial; Licenciatura em História; Querer ser docente.

RESUMEN

Este artículo busca comprender las perspectivas y el ‘querer ser’ docente de los alumnos de Licenciatura en Historia de la Ufac como elementos decisivos en el estar en el curso. Se utilizó de cuestionarios aplicados en los discentes de los turnos matutinos y nocturnos, teniendo en cuenta aspectos como la motivación para la entrada en una licenciatura y la baja utilización de la práctica docente en la formación inicial. Como base para las discusiones, se utilizó Vincentini y Lugli (2009), Penin (2009) y Marconi y Lakatos (2017). Por último, el estudio permitió percibir que los licenciandos, en su mayoría, suelen entrar no debido a la voluntad de ejercer la docencia, sino por identificación con la disciplina (que viene desde la educación básica), que el querer la docencia depende de los valores intrínsecos a la profesión, y al no querer, en gran mayoría, a los valores extrínsecos, y que la producción académica de aquellos que quieren actuar en la docencia es mayor que de aquellos que no lo quieren.

Palabras clave: Profesión docente; Formación Inicial; Licenciatura en Historia; Querer ser docente.

O escolher um curso de graduação/faculdade é um passo muito importante na sociedade brasileira moderna. É a partir daí que serão construídos os principais modos de viver social que se baseiam nos aspectos pertinentes ao mundo do trabalho, que é, hoje, grande parte da vida de grande parte dos indivíduos. São vários os motivos e elementos que influem na escolha de um curso de graduação, aqui são colocados em dois eixos: os que se voltam à vida profissional, como os altos salários pagos para determinados ofícios, a pressão familiar para que o filho curse algo que lhe dê visibilidade social, etc.; e

1 Texto apresentado para avaliação parcial da N2 referente ao componente curricular Profissão Docente, Identidade, Carreira e Desenvolvimento Profissional do 1º Semestre/2018, da Universidade Federal do Acre (Ufac), 7º período – Letras/Inglês;

2 Estudante do curso de licenciatura em História da Universidade Federal do Acre (Ufac);

3 Professora do Magistério Superior da área de Fundamentos da Educação da Universidade Federal do Acre (Ufac), Mestra em Educação pela Universidade Federal de Rondônia (Unir, 2013);

4 Estudante do curso de licenciatura em História da Universidade Federal do Acre (Ufac).

os que se voltam à satisfação pessoal de ter contato com determinados conhecimentos, se inserindo aí as vivências externas, necessidades de lidar com experiências passadas, etc.

Para Penin (2009),

Quando se escolhe uma profissão ou é levada a entrar nela, a pessoa também define um modo de vida. Ela começa a pertencer a um grupo de indivíduos que, conforme o seu grau de identificação, pode lhe trazer benefícios ao atender a uma das necessidades humanas básicas, a de pertencimento, conforme a teoria de Abraham Maslow. (p. 24).

Pode-se afirmar, então, que a escolha da docência – e a motivação para tal – é essencial para a vida pessoal/profissional⁵ dos indivíduos. Destarte, o problema “Que expectativas e perspectivas revelam os discentes do curso de Licenciatura em História da Ufac em relação à docência?” surge das situações encontradas no decorrer da graduação em que parte dos estudantes afirmavam, quando perguntados por professores ou colegas, não ter interesse pela docência, ou que estavam prestes a largar o curso para migrar para outro, surgindo também casos de evasão em grande escala.

Assim, o objetivo da pesquisa se institui em compreender as expectativas, perspectivas e o ‘querer ser’ docente dos alunos de Licenciatura em História da Ufac como elementos decisivos no desenvolvimento acadêmico do discente. O que infere em identificar as expectativas, perspectivas e o ‘querer ser’ docente desses alunos; bem como comparar as respostas dos discentes dos primeiros períodos com as dos últimos para inferir as mudanças que ocorrem no decorrer da graduação, e, por fim, estabelecer relações entre essas expectativas e perspectivas indicadas com o desenvolvimento acadêmico dos discentes do curso.

Optar por trabalhar essa temática parte da necessidade encontrada de entender as motivações que levaram à baixa pontuação do curso de licenciatura em História da Ufac nas avaliações do Conceito de Curso realizada pelo Inepno ano de 2014. Que é fruto de um resultado ruim no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes no questionário respondido por esses.

Ademais, importa relatar as possibilidades de debate sobre as representações sociais que esses universitários têm acerca da imagem do professor da educação básica e de problematizar de quais formas elas podem interferir na decisão de exercer ou não o cotidiano laboral, e, se exercerem, de que forma esses indivíduos irão atuar. Tentando entender se esse desempenho se relaciona, de algum modo, com a (des)motivação dos alunos com a academia. Levanta-se, deste modo, questionamentos para pesquisas futuras, que poderão utilizar este trabalho como fonte.

Sobre esse trabalho ser produzido por um aluno do curso, se estabelece uma relação (com requintes de humor) com a corrente historiográfica inglesa que propõe uma ‘História vista de baixo’, sendo, propriamente, o curso de história visto do olhar da ponta dessa cadeia de ensino na qual a universidade se insere. E, como afirmado por Nenev e Sampaio (2013): “reimaginar de dentro significa redizer e desdizer”, buscando compreender a perspectiva do aluno acerca de seu desempenho no Ensino Superior público e gratuito.

Para a construção desse trabalho fez-se uso de algumas bases teóricas lançadas ao decorrer da disciplina de Profissão Docente: Identidade, Carreira e Desenvolvimento. Uma delas é “História da Profissão Docente no Brasil” da autoria de Paula Vincencitini e Rosário Lugli (2009), no qual elas buscam fazer uma breve revisão da história da profissão docente no país, problematizando e desconstruindo algumas visões.

Para o historiador March Bloch, estudar história significa compreender o presente partindo do

⁵ Penin (2009) afirma que a vivência profissional passa a permear a vida pessoal ao ponto em que cria práticas, saberes, situações e relações com outros seres humanos que se agrupam de acordo com características similares, e, sendo o trabalho um fator essencial para o contexto moderno, isso torna-se mais forte.

passado, e compreender o passado partindo do presente. Deste modo, o uso do texto de Vincentini e Lugli, na construção desse artigo, parte da análise que as autoras fazem sobre as representações sociais que permearam docência no decorrer do tempo e que hoje, de certo modo, atinge o imaginário de quem faz licenciatura em história.

Esta pesquisa, por ter um formato mais quantitativo do que qualitativo, exigiu a aplicação de um questionário aos alunos dos cursos de licenciatura em História da Ufac, sendo feito em método de levantamento de dados, que, de acordo com Marconi e Lakartos (2017), auxiliam na identificação e compreensão das formas objetivas de pensar e fazer, bem como na associação de práticas a determinadas ações.

Deste modo, foi criado um questionário com 20 (vinte) perguntas sobre a identificação, idade, ano de entrada no curso, turno, motivações, expectativas com a docência, desenvolvimento de pesquisa, e vários outros fatores que poderiam ser associados e analisados para a finalidade deste estudo. Constavam perguntas objetivas com apenas uma possibilidade de resposta, objetivas com mais de uma possibilidade de resposta, objetivas com a inserção de ‘outros’ nas respostas, e respostas subjetivas longas e curtas.

Para criação, edição, divulgação, resposta e reconhecimento de dados, fez-se uso da plataforma *Google Forms*, que oferece um ambiente intuitivo e de fácil acesso, e que oferece ótimos elementos para acompanhar o desenvolvimento das pesquisas, tais como gráficos e formas comparativas de ver os dados. A divulgação para alunos do curso se deu de forma online, compartilhando links através de apps como *Whatsapp*, entre outros. Esclarece-se, inclusive, que o questionário pode ser visto em apenso a esse texto.

Estabelecendo um número aproximado de 20 alunos por sala de aula, e, cada turno tendo 04 turmas, pode-se entender que o número de discentes na licenciatura em História – a população total desse estudo – se aproximada a 120 pessoas. Destarte, a pesquisa conseguiu abranger 43 respondentes, o que representa, nesse cálculo, cerca de 26,8% dos estudantes, um número considerável para uma amostra. Como visto anteriormente, pela divulgação do questionário ter sido divulgada em grupos do *Whatsapp* das turmas dos cursos de História, pode-se dizer que a composição dessa amostra foi feita de forma totalmente aleatória, já que não se sabiam quais indivíduos responderiam ou não.

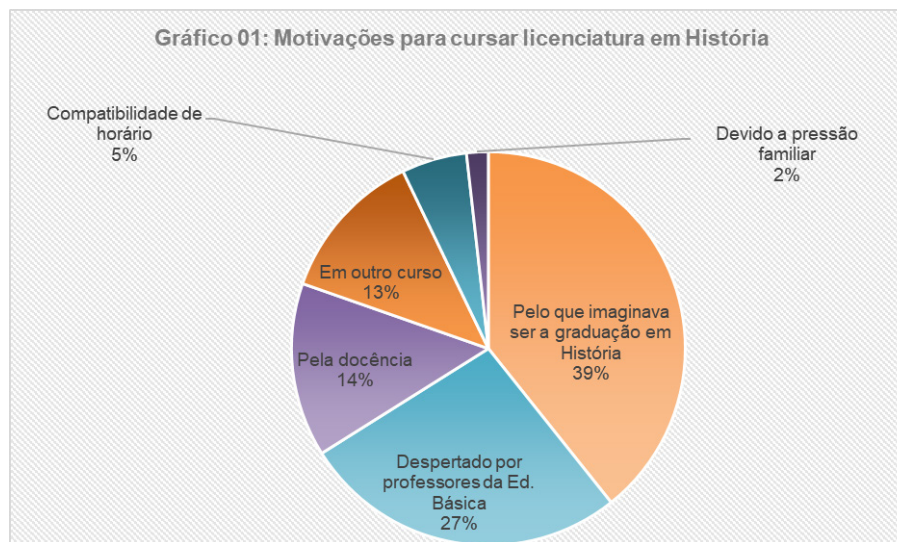
Ademais, foram realizadas duas entrevistas para a compreensão do processo de elaboração do Conceito de Curso e da avaliação do Enade: a primeira com uma professora da instituição, que deixou claro que todas as falas dela eram próprias e validadas pelas experiências como coordenadora de Pro-reitoria de Assuntos Estudantis – falava no nome próprio, e não no da universidade – que foi de grande ajuda para criar alguma noção sobre todo o sistema de avaliação dos cursos (e dos discentes) das instituições de ensino superior; e a segunda com uma professora que atualmente trabalha na Diretoria de Apoio e Desenvolvimento do Ensino (Diaden), esclareceu algumas dúvidas que ainda restavam sobre todo esse processo de avaliação, bem como as possibilidades de ação que se relacionam a cada conceito.

De forma metodológica, este trabalho se inspira no artigo “O Processo de institucionalização da lei 10.639/2003”, de autoria de Rodrigo de Jesus e Shirley de Miranda, do livro “Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da lei 10.639/2003”, organizado por Nilma Lino Gomes (2012). Para o mencionado artigo, os autores fazem uma pesquisa quantitativa em todo o Brasil, a aplica, e, apesar de o questionário não ter um alcance muito grande, eles analisam-no de forma a mostrar alguns aspectos que transparecem de forma subjetiva, tal como a relação estabelecida entre gênero e chefia de gestão em escolas públicas estaduais e municipais: as escolas estaduais têm mais gestores homens do que mulheres, acontecendo o contrário nas municipais. Esse assunto é problematizado pelos autores não com uma resposta, mas como um dado que faz ascender um questionamento.

Partindo para a análise dos dados, inicia-se com uma categoria fundamental, que mais a frente

será relacionada a outras: o querer ser docente. A pergunta para essa análise foi “Você pretende exercer a docência?”, com possibilidade de resposta em “sim” ou “não”. Como resultado, teve-se 81,4% das respostas como afirmativas (35) e 18,6% como negativas. Apesar de, por se tratar de um curso de licenciatura, em que, teoricamente, as pessoas deveriam entrar com a intenção de exercer a profissão, as respostas correspondem com as expectativas de uma licenciatura na atual conjuntura de desvalorização da docência. (MELO, 2015).

Quanto à motivação para a escolha do curso de licenciatura em história, os dados são os seguintes:



Fonte: MARTINS, 2018⁶

Percebe-se, então, em contradição com os dados apresentados anteriormente, que a maioria dos alunos escolhem cursar a licenciatura em história “pelo que imaginava ser a graduação em história” (22), enquanto o “querer ser docente” (8), se criada uma margem de erro, se iguala ao “interesse em entrar na graduação em História para fazer migração para outro curso em momento posterior” (7). Apenas uma pessoa respondeu fazer história por pressão familiar.

Para compreender as representações sociais da docência por parte dos futuros docentes, faz-se uso do texto de Vincentini e Lugli (2009), em que são elencadas imagens que compõem a representação social do professor. A ideia de que o profissional tem muitas tarefas a realizar e pouco recebe por elas constitui o centro desse imaginário, sendo rodeada por matérias constantes em noticiários que ‘denunciam’ a falta excessiva no trabalho e a baixa fiscalização – e consequente baixa punição – por parte do Estado.

É posto em discussão o profissional docente como constitutivo de uma categoria profissional com status social ambivalente (MILLS, 1969 *apud*. VINCENTINI; LUGLI, 2009); ao mesmo tempo em que se percebe a necessidade desse trabalhador na sociedade, são elencados os aspectos que, além de reforçar a desvalorização, generalizam as várias condições que permeiam a docência, tais como as diferentes realidades do sistema privado e público (e as próprias diferenças encontradas nos vários contextos destes próprios), a variedade de pessoas que compõem as coordenações pedagógicas e de ensino das escolas, os diferentes valores de rendimentos, etc.

É bastante claro que essas representações são construídas a partir de pesquisas e sistemas de comunicação em massa, o que as torna, em parte, fruto de posicionamentos políticos de revistas, jornais, editoras, etc. Não se faz essa afirmação no sentido da população em geral ser facilmente manipulada. Também não está a se dizer que posicionamentos políticos são empurrados ‘goela abaixo’ à massa. Se diz no sentido de que tudo o que se consome é produzido, e tudo que é produzido, o é por algo ou alguém, e,

⁶ Os gráficos apresentados aqui (do 1 ao 40) foram produzidos todos a partir desta pesquisa, logo, são de autoria própria.

sendo todo alguém político – que por mais que diga ser neutro, não o é –, se consome política. E, ainda, não são negadas aqui as formas de resistir a essas informações; elas são muitas e envolvem, por exemplo, as greves professorais e o falar positivamente sobre a necessidade de ter/ser professor na sala de aula.

Para as autoras, quando essas representações são construídas embasadas no discurso dos professores, têm-se como resultado algumas características ligadas à valorização da docência, do ser docente, e de uma busca por prestígio social incorporadas no imaginário social. Daí se mesclam nos discursos populares: o professor como profissional que ama o que faz, e que busca uma melhor valorização, e o professor como aquele que faz um mau trabalho em sala de aula.

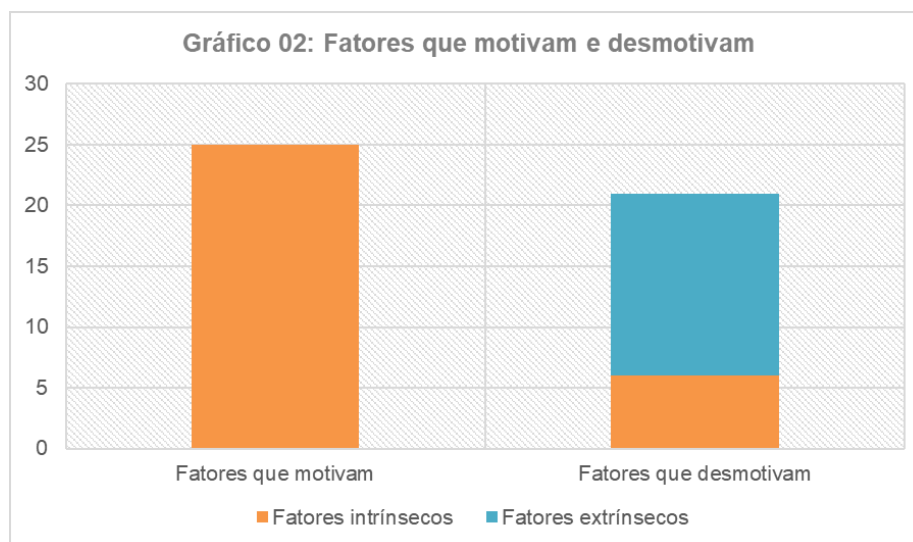
Em análise dos dados coletados na pesquisa, quando perguntados⁷ se a remuneração do professor da educação básica corresponde à atuação do profissional, todos os respondentes afirmaram que o trabalho do professor excede o vencimento recebido. A maioria cita como motivo a superlotação das salas de aula, a desvalorização salarial por parte do governo, a sobrecarga de trabalho, e a necessidade social desse profissional. Sendo constante, também, os argumentos que se relacionam com a idealização do professor, discutida por Vincentini e Lugli (2009), como as afirmativas sobre o “ato nobre” de se ensinar.

Foi feita também uma pergunta sobre as motivações levadas a querer ou não querer exercer a profissão, e, nesse sentido, é trazida a discussão proposta por Penin (2009) acerca da construção da profissionalidade e das condições de trabalho, sendo estas classificadas como objetivas, que são aqueles fatores colocados como extrínsecos à profissão, tais como o salário, condições do local em que se trabalha, plano de carreira e legislação; e subjetivas – as intrínsecas – pertinentes ao cotidiano laboral do professor e as relações que ele estabelece com os outros, incluindo aí os alunos e o corpo de apoio da escola. (PENIN, 2009). A autora ainda considera:

Ao levarmos em conta essa categorização é importante lembrar, porém, as relações recíprocas ou a dialética que ocorre entre tais condições, que podem ser diferentes, dependendo da natureza de uma profissão ou da função que nela se exerce. (PENIN, 2009, p. 26).

Penin aborda essas duas categorias na própria dissertação de mestrado em 1978, tratando sobre “A satisfação/insatisfação do professor no trabalho”, com uma amostra de indivíduos que já atuavam na profissão docente. No caso do presente estudo, abordam-se os fatores que (des)motivam os alunos da licenciatura em História a exercerem ou não a profissão.

Sistematizando as respostas recebidas, elaborou-se o seguinte gráfico:



Fonte: MARTINS, 2018.

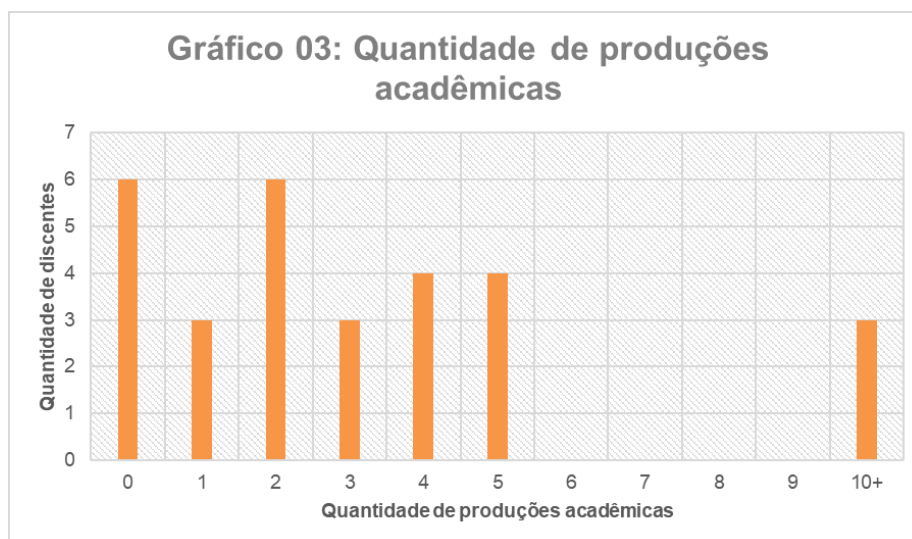
⁷ Esse questionamento provém da entrevista feita com professores na disciplina de Profissão Docente; A resposta para esse questionamento foi aberta, sem opções objetivas, para permitir que os questionados respondessem da forma que lhes fossem mais conveniente.

Em análise, devido à grande maioria ter respondido que tinha intenção de atuar na docência, percebe-se a quantidade de ‘fatores que motivam’ ser maior do que os ‘fatores que desmotivam’.

Entretanto, assim como Penin se certifica em seu estudo, os fatores intrínsecos (identificação com a profissão, ver a aprendizagem do aluno, o entendimento de que a educação é um instrumento de transformação) são os grandes responsáveis pelo apeço à profissão; enquanto os extrínsecos (salário, condições de trabalho, etc.) permanecem como os maiores desmotivadores. Percebe-se, também, a presença dos fatores intrínsecos no rol de desmotivações. Nas respostas é citada, principalmente, a “má educação dos alunos” e, por vezes, a “má educação dos pais”.

Aqui cabe se atrever a incitar à pesquisa: essa sobreposição dos fatores intrínsecos na motivação à exercer a docência indicaria a sobrevivência daquele ideal em que o professor é colocado como o ser nobre que se esforça por ter ‘amor’ em demasia? Se o professor não tiver isso a se agarrar, de que forma ele enfrentará os fatores que o desmotiva?

Considerou-se como item essencial para a mensuração do desenvolvimento acadêmico dos discentes a quantidade de resumos, artigos, comunicações orais e exposição de banners produzidos pelos alunos. No questionário esse campo envolveu a pergunta “Quantas comunicações orais/banners/artigos você apresentou desde que entrou no curso?”, estando a resposta distribuída em opções de 0 a 10+ (em que 10+ significava a produção de 10 ou mais resumos, artigos, banners, etc.).

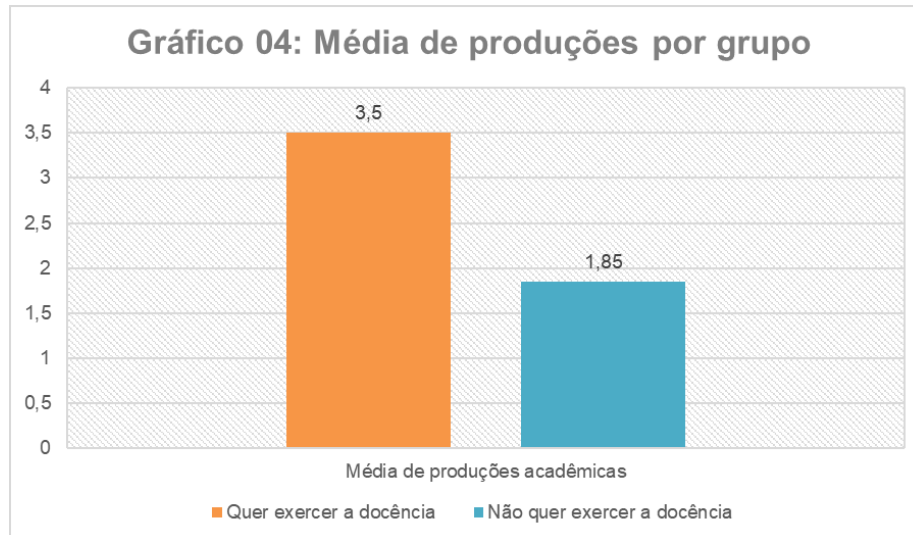


Fonte: MARTINS, 2018.

De início, é necessário tornar claro que os respondentes que fazem parte do primeiro período foram retirados desse fator da pesquisa devido a terem, possivelmente, compreendido mal o conceito de “comunicações orais/banners/artigos você apresentou desde que entrou no curso”, visto que uma quantidade considerável, com aproximadamente 19 anos de idade e menos de um ano de curso, marcaram a opção “10+”, o que parece ser inviável. Deste modo, preferiu-se desconsiderá-los.

Dito isto, constata-se que o nível de produção de pesquisa por parte dos alunos no curso é baixo. A maioria dos estudantes – ao menos da amostra abordada – produziu de cinco a menos comunicações orais/banners. Deve-se levar em consideração, também, o fato de que grande parte desses trabalhos são desenvolvidos no Programa de Iniciação à Docência de História da Ufac, tendo os seminários anuais do programa como principal espaço de divulgação, os quais, até o presente momento, não têm divulgados os trabalhos em revistas ou anais dos eventos, o que geraria maiores pontuações na certificação, e, conseqüentemente, nos certificados dos discentes.

Por fim, é feita uma ligação entre esta última categoria da pesquisa com o “querer ser docente”. São estabelecidos dois grupos de análise: os que querem exercer a docência e os que não querem exercê-la, e, fazendo a média de cada grupo de acordo com a quantidade de trabalhos produzidos, chega-se ao seguinte resultado.



Fonte: MARTINS, 2018.

É constatado que, geralmente, quem tem intenção de exercer a docência (média de 3,5) produz mais do que quem não tem essa intenção (média de 1,85), em alguns casos mais extremos, observamos discentes com três anos ou mais na licenciatura, sem nenhuma produção acadêmica relevante. Apesar dessa diferença, reafirmamos que o nível de produção no curso é baixo.

Considerações finais

É necessário que se note que essa pesquisa tem um caráter introdutório, e busca, mais do que compreender alguns aspectos de desempenho e motivação dos discentes do curso de licenciatura em História, surgir como elemento para indicar caminhos a serem percorridos para o melhoramento do curso, no geral.

Em síntese, pôde-se constatar que os discentes da licenciatura em História costumam entrar no curso não devido à vontade de exercer a docência, mas por identificação com a disciplina (que vem desde a educação básica). A escolha pela docência e a disponibilidade de horário, se levadas em consideração a possibilidade de erro, conseguem se igualar nesses fatores de decisão. Pode-se concluir, ainda, que o querer a docência depende dos valores intrínsecos à profissão e o não querer, aos valores extrínsecos. E, por fim, a produção acadêmica daqueles que pretendem atuar na profissão é maior do que aqueles que não querem.

Referências

- JESUS, R.; MIRANDA, S. O Processo de institucionalização da lei 10.639/2003. In: GOMES, N. L. (org.). **Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da lei 10.639/2003**. Brasília: Unesco, 2012.
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MELO, D. S. Profissão Docente: um estudo sobre a desvalorização/valorização da carreira. In: **Anais da II Jornada Baiana de Pedagogia**. Vol. 1, N. 2, Ilhéus/Ba, 2016.

Nenevé e Sampaio (2013)

PENIN, S.; MARTÍNEZ, M. **Profissão Docente**: Pontos e contrapontos. Valéria Amorim Arantes (org). São Paulo: Summus, 2009.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes. 2008.

VINCENTINI, P. P.; LUGLI, R. G. **História da Profissão Docente no Brasil**: representações em disputa. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

Data de recebimento 02/11/2018

Data de aceite 22/12/2018